



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### **TRABALHO E ENVELHECIMENTO DAS MULHERES NEGRAS IDOSAS SOB A ÓTICA DA MEMÓRIA COLETIVA: COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOAQUIM DE PAULO EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

Tânia Maria Rodrigues da Rocha  
(UESB)

Luciana Araújo dos Reis  
(UESB)

#### **RESUMO**

Este artigo apresenta os resultados da dissertação: Memória, Trabalho e Envelhecimento de Mulheres Negras Idosas em uma Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo em Vitória da Conquista – Bahia. Este estudo tomou como base a memória do trabalho de subsistência de produção familiar e o envelhecimento que sucedeu a um passado e a um presente de acontecimentos e vivências comuns das mulheres, que se auto definem como quilombolas. Metodologicamente, adotou-se a análise de conteúdo segundo o modelo de Bardin. A memória coletiva possibilita conhecer o trabalho na agricultura e o envelhecimento das mulheres, uma vez que reconstitui lembranças do grupo, compartilha, guarda e transmite por meio da interação entre os seus membros. Os resultados apontaram o trabalho como o principal meio de produção de subsistência relacionado com as práticas tradicionais transmitidas por herança, desde os antepassados africanos, além de fonte de prazer, autonomia, independência e autoestima. O envelhecimento está relacionado com as mudanças físicas e funcionais que limita a participação nas atividades laborativas das mulheres negras idosas, entretanto elas permanecem participando de forma ativa no trabalho agrícola e a saúde exposta às imposições do trabalho.

**PALAVRAS - CHAVE:** Trabalho, Envelhecimento, Memória coletiva.

---

· Mestre em Memória, Linguagem e Sociedade – UESB, Grupo de Pesquisa Museu Pedagógico: *História, Trabalho e Educação (UESB – CNPq)*, Agência financiadora: CAPES, Email: [tanrr\\_projetos@hotmail.com](mailto:tanrr_projetos@hotmail.com)

· Doutora em Ciências da Saúde pela UFRN. Professora dos Programas de Pós – graduação Stricto Sensu em Memória, Ling. e Sociedade – UESB e da Graduação do DS1/UESB, Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Envelhecimento e Obesidade (*UESB – CNPq*) Email: [lucianauesb@yahoo.com.br](mailto:lucianauesb@yahoo.com.br)



## INTRODUÇÃO

Este estudo acerca da memória do trabalho e envelhecimento das mulheres negras idosas da Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo em Vitória da Conquista – Bahia tomou como base a memória do trabalho de subsistência de produção familiar e o envelhecimento que sucedeu a um passado e a um presente de acontecimentos e vivências comuns das mulheres negras idosas, que se auto definem como quilombolas.

Esta pesquisa adotou como método a análise de conteúdo segundo o modelo de Bardin que promoveu mediante as análises das narrativas uma melhor compreensão do objeto em estudo. Por esse meio, foi selecionado como técnica de coletas de dados entrevistas semiestruturadas com dez mulheres negras idosas, moradoras da Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo, entre a faixa etária dos 60 anos aos 75 anos de idade, utilizando o critério de saturação de dados. Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa foram respaldados pelos critérios estabelecidos para ética em pesquisa atendendo, desta forma, aos aspectos da Resolução 466/12, em especial, os princípios da autonomia<sup>75</sup> envolvendo seres humanos.

Para o aprofundamento da investigação, foram empregadas as categorias de análise: memória, trabalho e envelhecimento. Essas categorias foram mediadoras e essenciais para que o objeto fosse conhecido, servindo como dispositivos para a discussão teórica deste estudo. Assim, a memória coletiva apresentou como subsídio para conhecer o trabalho na agricultura e o envelhecimento das mulheres negras idosas, uma vez que a memória é a reconstituição das lembranças do grupo que produz, compartilha, guarda e transmite através da interação entre os seus membros.

O trabalho agrícola é mantido pelo grupo de mulheres negras idosas com as suas práticas tradicionais, que ao longo do tempo, foram transmitidas pelos seus descendentes africanos. Assim, a transmissão dos saberes tradicionais garantiu a esta

---

<sup>75</sup> Foram utilizados nesta pesquisa os nomes próprios dos entrevistados, mediante as suas autorizações através do termo de consentimento livre e esclarecido de pesquisa com seres humanos (em anexo). Vale destacar que, os sujeitos da pesquisa são do sexo feminino, as mulheres negras idosas e os demais entrevistados foram colaboradores.



geração a condição para a sua sobrevivência, configurando como memória do aprendizado do trabalho, que através da transmissão difundiu os saberes e as práticas sociais como condição de se manterem vivas no grupo. Thompson (2002, p. 18) acrescenta que “as tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas”. Como observa nas falas das entrevistadas Elizete e Railda:

[...] com eles (refere-se aos pais) que aprendi a trabalhar, trabalhava pro zoutros, trabalhava pra mim. E até hoje eu estou trabalhando pra mim, mesmo já estando de idade! (ELIZETE GOMES, 74 anos).

[...] eu comecei a trabalhar na roça desde a idade de 10 anos. Minha mãe, meu pai, ensinou nois trabalhar. Sempre trabalhei na roça desde pequena. Nasci aqui e fui criada aqui, minha mãe e meu pai criou nois desde pequena no cabo da enxada até nois crescer, casar, nois foi ficando aí, fui casada e separei do marido e depois casei de novo (RAILDA PEREIRA, 60 anos).

As falas remetem ao aprendizado do trabalho agrícola como um fenômeno vivenciado durante toda existência do convívio familiar, transmitido como um legado, de geração a geração. Este aspecto demonstra a constituição dessa prática de trabalho, como a expressão de um modo de viver de um povo, que estabeleceu um vínculo intenso com a terra. O aprendizado foi adquirido pela herança familiar e com o próprio ato de produzir; as repetições nas tarefas diárias que estabeleceu um processo de aprendizagem. As mulheres se aperfeiçoaram e tornaram-se mais experientes com o próprio trabalho. Tal como afirma Saviani (1998, p. 152), “os homens produzem sua existência em comum e se educam neste processo. Lidando com a terra, lidando com a natureza, se relacionando uns com os outros, os homens se educam e educam as novas gerações”.

Essas mulheres foram, assim, expostas ao trabalho em cooperação com a família. Os pais seguem as práticas e tradições que são conservados pelas famílias rurais que concebem aos filhos o dever de se educar por meio do trabalho. Observamos também nos discursos deste grupo de mulheres, o delineamento dos “quadros sociais”,



explicitando-se a interação com a família e a influência nos hábitos e costumes dos seus antepassados, (re) construindo uma base comum, como afirma Halbwachs (2006) sobre a reconstrução da memória através do grupo:

outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas (HALBWACHS, 2006, p. 31).

Halbwachs (2006) contribuiu para a compreensão do significado da memória coletiva. Ainda que a memória, por mais pessoal que possa ser, é construída a partir dos quadros sociais. Esse autor, nos seus escritos textuais, afirma que a memória coletiva está estruturada nas relações sociais. Pois, é no contexto das relações sociais que as mulheres negras idosas constroem as lembranças e se constituem também enquanto grupo. Sobre isso, Halbwachs (2006, p. 120) ressalta que, “a rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos”. Assim, quanto mais o indivíduo é inserido nos grupos sociais, mais condição terá para recuperar as suas memórias, além de contribuir para a recuperação da memória do grupo. Para Halbwachs (2006), nenhum indivíduo poderia lembrar de alguma experiência ou acontecimento fora do âmbito da sociedade, seja no contexto familiar, ambiente de trabalho, grupo de amigos, escola, dentre outros, pois a evocação da recordação é sempre feita recorrendo aos outros, ou demais grupos. A memória tem muito mais força quando o outro relembra. Deste modo, Halbwachs (2006) profere que:

nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos a sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).



Assim, como afirma Halbwachs (2006), a memória é compreendida como uma construção social. Pois toda produção da memória tem sintonia com a sociedade, isso significa que, “tanto agrupadas em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 71). Nesta perspectiva, a presença do grupo de mulheres negras idosas têm como fonte de referência a recordação e localização das suas lembranças, servindo estes como baliza para a reconstrução das suas memórias. Para tanto, as suas narrativas são cruciais para sustentar, complementar e dar condição para construção da memória em estudo. A este respeito, as mulheres rememoram e contam a sua vida no trabalho e como os saberes foram transmitidos. Em seus relatos Maria Alves e Noemia dizem, respectivamente, que:

eu comecei meu trabalho, acho que eu tinha 12 anos, eu era de tudo na vida, eu era o moço do meu pai. Eu capinei muito, o meu trabalho era na enxada e lavar roupa de ganho pro zoutros. Casa de roda, fazer farinha, mexer com batata, mas foi no tempo antigo (MARIA ALVES, 75 anos).

[...] desde pequena, dos 10 anos mais ou menos, eu sempre trabalhei direto aqui na roça. Eu trabalho toda a vida, eu nasci e fui criada no trabalho na roça. Eu aprendi com meus pais (NOEMIA FERREIRA, 72 anos).

Essas mulheres relatam os aspectos de suas vidas relacionadas com o trabalho e a terra, pois o seu trabalho na agricultura foi aprendido por herança, a partir das trocas de experiências com o grupo.

Ao serem indagadas sobre o significado do trabalho, as mulheres pesquisadas expressaram, de forma singular, o que o trabalho realmente significa para elas, ou seja, o meio de produzir os seus bens necessários, o qual atribui ainda outros sentidos, como distração, animação e alegria. Assim, o trabalho é visto como algo muito importante que dar sentido a vida. Como narram Josefa e Maria Iva:

trabalhar é muito bom né, porque a gente sem trabalho! tem pessoas que fica parado em casa, é sente dor, dor ali, dor acolá. Trabalhando, sai



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

e distrai, então acho muito bom né trabalhar, é uma distração. Também é sobrevivência (JOSEFA BRITO, 62 anos).

a importância do trabalho pra mim é porque trás assim animação, coragem, se a pessoa só ficar dentro de casa só pensando. Se a gente for ficando ali só pensando no que ganha aí não tem como ficar só dentro de casa pensando que já ganhou ou que tá ganhando, né (MARIA IVA OLIVEIRA, 61 anos).

O trabalho se apresenta para as mulheres negras idosas como fonte de satisfação, realização de tarefas, ato criativo, enfim, elas produzem para atender às suas necessidades, como comer e vestir; ou seja, trabalho para elas significa o próprio ato de viver.

O trabalho constitui-se como atividade humana de maior peso para a integração social destas mulheres com outros indivíduos no seu ambiente de trabalho e no seu ambiente familiar, considerando-se que esses são os espaços de socialização, os quais permitem que estas mulheres se desempenhem o seu papel social. Homens e mulheres se autodefinem a partir do posicionamento como sujeitos sociais, imprimem a imagem e os registros, influenciando o outro nas relações com o meio em que vivem. Para Marx (1988), a partir do trabalho, os homens não apenas produzem a vida material, mas se autoconstróem. Pois o homem, ao agir sobre a natureza, modifica-a, transforma-a e a desenvolve com o intuito de atender às suas necessidades, e, ao mesmo tempo, ele se transforma diante da plenitude que o trabalho representa.

Observamos, neste contexto rural da Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo, que o trabalho agrícola das mulheres negras idosas está inserido em uma estrutura organizacional nos princípios de solidariedade e coletividade, e que vem se mantendo por gerações. O trabalho tem uma base familiar que corresponde como uma das formas de agricultura familiar, uma vez que sua organização produtiva se constitui na relação entre propriedade, trabalho e família, às quais são adequadas nas suas próprias condições técnicas tradicionais de produção agrícola. E que este está fundamentado na relação hierárquica, no qual a imagem do pai ou do marido é que determina a posição que cada membro da família deve ocupar. Para Marx (1988), o trabalho familiar na lavoura, pecuária, entre outros, são na sua forma natural lugares



sociais, por serem funções da família, possui sua própria divisão de trabalho naturalmente desenvolvida.

A visão de Marx sobre o trabalho serviu como referência para que se pudesse conceituar e analisar o trabalho das mulheres negras idosas, o qual se caracteriza como fonte de subsistência, uma vez que é o meio de produzir para autoconsumo. O trabalho das mulheres negras idosas na agricultura está submetido a não remuneração, e no sustento da família como uma forma de ajuda, embora elas executem a mesma atividade agrícola que os homens, na preparação do plantio, colheita, limpeza do roçado e plantação. O trabalho na agricultura é considerado uma atividade pesada, que demanda força muscular e movimentos repetitivos. Conforme Marx (1988, p. 53), “todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico”. O autor faz referência ao trabalho como ação física humana, o qual necessita dos movimentos das forças naturais do corpo, braços e pernas, cabeça e mão para se apropriar da matéria.

Neste sentido, o trabalho das mulheres negras idosas exige esforço físico. É um trabalho físico, que depende do corpo para manusear as ferramentas. Tendo em vista que as mulheres negras idosas não têm acesso à mecanização para desempenhar o trabalho na agricultura, elas utilizam de ferramentas como foice, machado, enxada, dentre outros, e mesmo utilizando as ferramentas, o corpo é a sua principal ferramenta. Por conta disso, as mulheres queixam de dores musculares, lesões e doenças osteoarticulares, essas são comuns. Nota-se que as mulheres entrevistadas apresentam problemas de coluna, dores musculares e pele com turgor exageradamente diminuído, não só pela velhice, mas pela exposição diária ao sol que acelera o envelhecimento da pele. Verifica-se nas falas de Maridalva e Maria de Jesus, das atividades rotineiras no trabalho agrícola:

comecei puxando enxada, trabalhei muito na roça, pegando café, capinando para limpar a terra, então até em uma certa altura né,[...] eu pego no machado, lasco lenha, eu faço uma coisinha, eu não vou deixar de botar uma panela no fogo (MARIDALVA SILVA, 67 anos).

eu tó aí arraiando (refere ao trabalho), planto muda de banana, é andu, é mandioca, é batata. Quando mais eu trabalho mais tenho vontade.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Quando a noite vem chegando, eu ficou doida pra o dia manhecer. Acordo 5:50 para tanger as galinhas, graças a Deus eu gosto de trabalhar (MARIA DE JESUS, 75 anos).

Observa-se que essas mulheres, mesmo em fase do envelhecimento, não se entregam ao cansaço e ao desânimo, antes, elas permanecem atuantes no seio de sua comunidade, embora o corpo apresente já maltratado pelo processo natural do envelhecimento e pela trajetória do trabalho penoso na agricultura.

Por fim, os resultados apontaram o trabalho como o principal meio de produção de subsistência que está condicionada com as práticas tradicionais, as quais foram transmitidas, por herança, desde os seus antepassados africanos, além de fonte de prazer, autonomia, independência e autoestima. O envelhecimento, embora esteja relacionado com as mudanças físicas e funcionais que limita as mulheres negras idosas na participação das atividades laborativas. Ainda assim, elas permanecem participando de forma ativa no trabalho agrícola colocando a sua saúde e boa parte das suas vidas nas imposições do trabalho. Pois, para elas, a disposição para o trabalho é uma forma de enfrentar os desafios advindos do envelhecimento.

### REFERÊNCIAS

- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Centauro, 2006, p.30-172.
- MARX, Karl. **O Capital**. 3ª Edição. São Paulo: Nova Cultura, livro I, vol. I, Os Economistas, 1988, p. 53-142.
- SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, Celso J. et al. (Orgs.) **Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: Um Debate Multidisciplinar**. 4ª Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998, p. 152.
- THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum - Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional**. 1ª Edição. São Paulo: Schwarcz, 2002. p. 18.

### ENTREVISTAS/FONTES ORAIS:



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- SOUZA, Guiomar S. Entrevista concedida a Tânia M<sup>a</sup> R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 17 jun. 2014.
- FERREIRA, Noemia da S. Entrevista concedida a Tânia M<sup>a</sup> R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 17 jun. 2014.
- SILVA, Maridalva R. S. Entrevista concedida a Tânia M<sup>a</sup> R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 05 julho 2014.
- GOMES, Elizete M. de J. Entrevista concedida a Tânia M<sup>a</sup> R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 05 julho 2014.
- SALGADO, Maria de J. Entrevista concedida a Tânia M<sup>a</sup> R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 05 julho 2014.
- OLIVEIRA, Maria de Iva de J. Entrevista concedida a Tânia M<sup>a</sup> R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 05 julho 2014.
- BRITO, Josefa S. Entrevista concedida a Tânia M<sup>a</sup> R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 27 julho 2014.
- PEREIRA, Railda A. G. Entrevista concedida a Tânia M<sup>a</sup> R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 27 julho 2014.
- ALMEIDA, Maria A. de. Entrevista concedida a Tânia M<sup>a</sup> R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 27 julho 2014.
- BRITO, América M. de J. Entrevista concedida a Tânia M<sup>a</sup> R. da Rocha. Comunidade Remanescente de Quilombo São Joaquim de Paulo. 27 julho 2014.